

100 mil seringueiros, abandonados, vêm aí

Um exército de aproximadamente 100 mil famílias, distribuídas nos seringais do Acre e Amazonas, já levantaram acampamento e podem provocar um dos mais acentuados êxodos rurais ocorridos na região. Entregues a própria sorte, poucas oportunidades de sobrevivência, segundo informou o presidente do Sindicato da Borracha, Orlando Cidade, resta a essa gente senão o abandono dos seringais, brutalmente castigado pelo abandono por falta de perspectivas. O destino deles são as capitais, naturalmente.

Desde dezembro, uma só grama de borracha não é comprada pelas indústrias pneumáticas, reponsáveis pelo superestoque do produto nos depósitos da região. Com o mercado hermeticamente fechado para a exportação do produto, as empresas locais, segundo observou Cidade, foram obrigadas a suspender a absorção da produção local.

Os seringalistas estão com a mão na cabeça e por não terem a quem colocar a produção resolveram entregar para as indústrias beneficiadoras que também já suspenderam suas atividades. A consequência maior, entretanto, é sentida pelos seringueiros que, por extensão, dependem da indústria beneficiadora e dos seringalistas, que havia alguns produtos para a manutenção da família.

Os estoques já ultrapassavam a 5 mil toneladas. As perspectivas de comercialização estão cada vez mais afastadas e o que se prevê é que finalmente o governo brasileiro tenha dado o golpe de misericórdia à atividade que entrou em crise quando os seringais de cultivo da Malásia, formados com semente

roubadas do Estado, passaram a produzir em larga escala.

Responsabilidade do Ibama — De acordo com a legislação vigente não existe restrições para a importação da borracha desde que a produção brasileira seja absorvida pelas pneumáticas. A maior crise do setor, conforme destacou Cidade, surgiu a partir do acomodamento do Ibama que não exige o cumprimento das normas-vigentes e não garante a reserva de mercado.

Para evitar que o setor seja levado ao colapso na hipótese da falta do produto, o Ibama é obrigado a manter estocado 5 mil toneladas de borracha nos seus depósitos. Iso, entretanto, deixou de existir o que leva a crer, segundo analisou o presidente do sindicato, que o governo já não disfarça sua intenção de anular a atividade.

As pneumáticas importam o quanto querem e por se encontrarem com superestoques deixaram de se interessar pela borracha brasileira. Para Cidade, acabar simplesmente com uma atividade, que ainda representa a base de sustentação econômica do homem do campo, sem criar novas alternativas é perverso, desumano e criminoso.

Embora poucas oportunidades de soerguimento do setor existam, o representante dos seringueiros deposita confiança no atual governo e espera que o próximo possa encarar a situação com espírito público e sensibilidade humana. "O governador Vivaldo Frota e o professor Gilberto Mestrinho são pessoas identificadas com as causas da região e por isso podem funcionar como instrumentos capazes de estimular o setor", acredita.